

## UMA VISITA À LITERATURA DE VIAGEM DE AUGUSTE DE SAINT-HILAIRE

### VISITING AUGUSTE DE SAINT-HILAIRE'S TRAVEL LITERATURE

Gláucia Renate Gonçalves<sup>1</sup>

Letícia Malloy<sup>2</sup>

GOULART, Eugênio Marcos Andrade. *Viagens do naturalista Saint-Hilaire por toda Província de Minas Gerais*. Voyages du naturaliste Saint-Hilaire dans la Province de Minas Gerais. Ouro Preto: Graphar, 2013.

A partir da chegada da família real ao Brasil, em 1808, franqueou-se a naturalistas europeus a possibilidade de visitarem a terra então alçada à condição de Reino Unido e de conhecerem aspectos físicos, biológicos, etnográficos e socioeconômicos locais. Os relatos produzidos por quem se aventurasse pelo continente americano iam não apenas ao encontro da curiosidade da elite política e econômica que orbitava em torno de Dom João VI como também atendia às expectativas nutridas pelos povos do Velho Continente em relação à chegada de informações sobre aquilo que se passava além-mar. Em ambos os casos, a sistematização de informações atendia, para além da geração de conhecimento científico, à avidez com a qual se desejava dominar novos espaços e possibilidades de geração de riqueza.

É nesse contexto que, em 1816, o francês Auguste de Saint-Hilaire (1779 - 1853) desembarca no Rio de Janeiro e permanece no Brasil até o ano de 1822. Membro da comitiva que acompanhava o Duque de Luxemburgo, que fora nomeado embaixador da França junto a Portugal, Saint-Hilaire se desloca ao Brasil possuindo, como principal objetivo, o levantamento de dados relativos à flora local. Ainda que os extensos trajetos percorridos por Saint-Hilaire tenham resultado na coleta e análise

---

<sup>1</sup> Pós-doutora em Letras pela Universidade Federal de Santa Catarina (2003) e Pós-doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (2008). Doutora pela University of North Carolina. Professora Associada da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

<sup>2</sup> Doutoranda em Estudos Literários pela UFMG. Bolsista da Fapemig. Encontra-se em período de realização de Doutorado-Sanduiche junto à Université Rennes 2, na França, contando com o apoio financeiro da Capes.

de mais de sete mil espécies de plantas, cumpre assinalar que seus relatórios e diários ultrapassam o exame de questões concernentes à botânica. Com efeito, a literatura de viagem deixada pelo naturalista francês transita por domínios como a geografia, a antropologia, a linguística e a zoologia, e também oferece interessantes e por vezes curiosas ponderações sobre a estrutura administrativa então orquestrada pelos portugueses, os costumes sedimentados entre moradores de vilas e povoados, as relações de poder envolvendo representantes eclesiásticos, a irresponsável supressão de matas com vistas ao atendimento de interesses imediatistas, a subjugação e o extermínio de povos indígenas, a escravidão de povos africanos etc.

Quase duzentos anos após as expedições empreendidas por Auguste de Saint-Hilaire, os diários do viajante são visitados e cuidadosamente analisados por Eugênio Marcos Andrade Goulart, professor da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, no livro *Viagens do Naturalista Saint-Hilaire por toda Província de Minas Gerais*. A edição publicada em 2013 é fartamente ilustrada e apresenta o texto em português ladeado por tradução para o francês, feita pela Cia. das Traduções. Ao longo de nove capítulos, Goulart desenvolve reflexões sobre os caminhos palmilhados por Saint-Hilaire nas províncias do Rio de Janeiro, Goiás e São Paulo, mas concentra sua análise nos longos e ousados percursos do naturalista por regiões mineiras. A partir das explicações ofertadas pelo professor, os leitores têm acesso aos deslocamentos de Saint-Hilaire entre Rio de Janeiro e Vila Rica, pelos vales dos rios Doce, Jequitinhonha e São Francisco, pela região do Distrito Diamantino, pelos arredores e cumes da serra do Espinhaço, pelo sul e oeste mineiro em direção ao sertão da Farinha Podre – que corresponde ao Triângulo Mineiro e ao sul de Goiás – e pelas cercanias da serra da Mantiqueira.

Ao analisar as modulações no discurso do naturalista francês, realçando impressões, valores e preconceitos que o europeu levava consigo e manifestava à medida que se deparava com o novo, Goulart estabelece importantes cotejos entre as perspectivas e os trajetos de Saint-Hilaire e os de outros viajantes, como Johann Baptista von Spix, Carl Friedrich Phillip von Martius, John Mawe, Wilhelm Ludwig von Eschwege, Georg Henrich von Langsdorff, Johann Moritz Rugendas e Johan Emanuel Pohl. Além de promover constantes diálogos entre as percepções dos

viajantes citados, Goulart se esmera em empreender exercícios nos quais aproxima temporalidades distintas, pois ao longo de todo o texto o autor estabelece comparações entre os registros deixados pela pena de Saint-Hilaire e a atual situação dos lugares por onde passou o viajante do século XIX. À medida que promove essas convergências entre passado e presente, Goulart demonstra ter percorrido considerável parte dos caminhos feitos por Saint-Hilaire, habilitando-se a oferecer ao leitor, com propriedade, um interessante panorama das transformações por que passaram diversas localidades compreendidas no Sudeste e no Centro-Oeste do Brasil.

O estudo desenvolvido por Goulart também mostra que este, enquanto leitor dos diários de Saint-Hilaire, buscou traços que caracterizassem personalidades e apontassem uma participação discursiva indireta de, ao menos, alguns dos membros das comitivas que acompanharam o naturalista europeu. Como resultado, o professor não encontra mais que poucas observações sobre personagens históricas como o francês Yves Prégent, ajudante de Saint-Hilaire que cai doente e morre em São João del Rei, e o jovem Firmiano, identificado como botocudo. Como essas subjetividades quedam permanentemente silentes, predomina na escrita de Auguste de Saint-Hilaire uma relação binária na qual o naturalista é o sujeito exclusivo da enunciação e o que está a sua volta – até mesmo quem o acompanha serra do Mar adentro – não ultrapassa a condição de objeto de análise.

Goulart ressalta, porém, que se a escrita de Saint-Hilaire é orientada por uma curiosidade científica que motiva o estabelecimento de relações polarizadas entre o observador e o meio observado – procedimento corrente no século XIX –, a pouco e pouco a palavra do naturalista revela certa aproximação afetiva entre este e os povos e terras que o acolheram. Provavelmente por isso, e não apenas pelos aportes que ofereceu à ciência, escritores citados por Goulart sublinham a passagem de Saint-Hilaire pelo Brasil: na crônica “O ‘nosso’ Saint-Hilaire”, constante de compilação publicada em 2006 pela Editora Cosac Naify sob o título *Crônicas da província do Brasil*, Manuel Bandeira afirma que “nenhum estrangeiro deixou entre nós lembrança mais simpática” (GOULART, 2013, p. 173). Em “Meu amigo Saint-Hilaire”, artigo publicado no jornal *O Estado de Minas* em 1979, acrescenta Carlos Drummond de Andrade que muito do que o naturalista “(...) conta do modo de viver

brasileiro ainda permanece atual nas áreas do interior. Não é porém a atualidade que eu procuro nele, é a observação lúcida, o interesse pelas coisas tanto da natureza como do homem, a inclusão do lado humano na preocupação científica” (GOULART, 2013, p. 174).

À medida que se debruça sobre a literatura de viagem de Auguste de Saint-Hilaire, Eugênio Goulart demonstra, na esteira das considerações feitas por Drummond, que os escritos daquele naturalista europeu não possuem valor historiográfico isolado ou meramente ilustrativo, já que oferecem fartos subsídios capazes de reverberar de maneira vigorosa nas reflexões relativas a questões culturais e socioeconômicas contemporâneas. Assim, ao dialogar com Saint-Hilaire, Goulart evidencia a natureza suplementar dos temas dispostos nos referidos diários e acaba por sugerir que a história e os caminhos que atravessam a antiga província mineira são um incessante por fazer.